

ALTERIDADE E DIÁLOGO EM MIKHAIL BAKHTIN E O CÍRCULO ENTREVISTA COM MARISOL BARENCO DE MELLO

(Grupo ATOS da UFF)

José Anchieta de Oliveira Bentes¹
Huber Kline Guedes Lobato²

Resumo

A entrevista com Marisol Barenco de Mello foi realizada por meio de *e-mails* com os professores José Anchieta de Oliveira Bentes e Huber Kline Guedes Lobato, nos meses de setembro e outubro de 2019. Nessas interlocuções por meio da internet a entrevistada faz relevantes reflexões sobre o pensamento de Bakhtin, tendo como base a alteridade e o diálogo nas ciências humanas, no campo educacional, nas discussões sobre classes, gêneros e raças e na compreensão da situação política atual em nosso país.

Palavras-chave: Entrevista. Alteridade. Bakhtin.

ALTERITY AND DIALOGUE IN MIKHAIL BAKHTIN AND THE CIRCLE INTERVIEW WITH MARISOL BARENCO DE MELLO

Abstract

The interview with Marisol Barenco de Mello happened in e-mails with the teachers José Anchieta de Oliveira Bentes and Huber Kline Guedes Lobato, in September and October 2019. The discussions on the Internet, Marisol Mello reflects on Bakhtin's thoughts, based on alterity and dialogue in the human sciences, in education, in discussions about classes, genders and races and in understanding the current political situation in Brazil.

Key words: Interview. Alterity. Bakhtin.

¹ Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED).

² Professor assistente da Universidade Federal do Pará (UFPA), Curso de Letras Libras.

ALTERIDAD Y DIÁLOGO EN MIKHAIL BAKHTIN Y EL CÍRCULO ENTREVISTA CON MARISOL BARENCO DE MELLO

Resumen

La entrevista con Marisol Barenco de Mello ocurrió en correos electrónicos con los maestros José Anchieta de Oliveira Bentes y Huber Kline Guedes Lobato, en septiembre y octubre de 2019. Las discusiones en Internet, Marisol Mello reflexionan sobre los pensamientos de Bakhtin, basados en la alteridad y el diálogo en las ciencias humanas, en educación, en discusiones sobre clases, géneros y razas y en la comprensión de la situación política actual en Brasil.

Palabras clave: Entrevista. Otredad. Bakhtin.



Marisol Barenco de Mello

Marisol Barenco de Mello é graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Petrópolis (1990), possui mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF (1998) e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003). Atualmente é professora associada da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de Educação, com

ênfase em Educação Infantil e Alfabetização, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Infantil, Educação e Cultura, Contexto e Cognição, Alfabetização e Linguagem. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas ATOS da UFF, onde desenvolve estudos relacionados a Bakhtin e seu Círculo.

José Bentes e Huber Lobato: *Neste dossiê temático da revista Periferia discutimos o tema da alteridade e do diálogo em autores como Mikhail Bakhtin, sendo assim, gostaríamos de saber: quais os fatores que levaram você a desenvolver estudos e pesquisas a partir do pensamento de Bakhtin?*

Marisol Mello: Antes de tudo gostaria de agradecer aos organizadores da revista pelo convite de estar, entre tantas vozes, colocando a minha, construída na lida dialógica com tantas outras, em relações de alteridade. Comecei a ler Bakhtin ainda jovem, no interior das atividades de pesquisa do grupo então liderado pela professora Regina Leite Garcia, na UFF. Colega e amiga de Wanderley Geraldi, na década de 1990 já estudávamos as obras disponíveis em português, trazidas para o Brasil principalmente por Geraldi e Faraco, dentre outros. Foi uma revolução desde então, apesar das versões hoje problematizadas - no grande tempo se revelaram as questões de tradução.

Para nós, naquelas primeiras aproximações nada fáceis, essas questões não se colocavam. Estávamos tendo acesso às obras dos autores russos e soviéticos, dadas as condições de abertura política da União Soviética no fim dos anos 1980 do século XX. Era uma alegria, uma revolução. Na época, a questão girava em torno dos aportes da linguagem enquanto discurso, os estudos dos gêneros discursivos fizeram uma reviravolta nos campos da linguística e da educação, dando origem a muitos dos grupos de pesquisa que até hoje desenvolvem a formação de pesquisadores na área da linguagem. Foi um florescimento, e estarmos participando daquele movimento fez toda a diferença na minha vida de pesquisadora. Tratou-se não de um conjunto teórico abstrato a ser compreendido intelectualmente, mas uma rotação do olhar, que nos possibilitou ver o mundo de outras posições, de outros pontos de vista, com olhos de Bakhtin, diríamos.

Já naquela época - e estamos falando de mais de 25 anos atrás, o que é surpreendente! - os aportes teóricos transformaram as concepções de sujeito enunciativo, de texto, da relação entre a vida e a linguagem, da relação entre literatura e vida cotidiana, e principalmente da dimensão ideológica da linguagem. Uma enxurrada de ideias transformadoras.

Olhando desse ângulo arquitetônico para aquelas pesquisas e descobertas, podemos ver o entorno que aquelas pessoas entusiasmadas não podiam ver: faltavam textos, leituras e perspectivas. Mas sobretudo, faltava a crítica aos modelos teóricos a partir dos quais recebemos as teorias e textos de Mikhail Bakhtin. Estou, propositalmente, utilizando metáforas visuais para descrever aquele momento histórico-epistemológico, pois foi assim que recebemos as primeiras obras do Círculo: de dentro de um paradigma epistemológico da visão. Aquela também foi a época em que construiu-se a crítica a esse paradigma, e posso citar por exemplo pesquisadores como Prigogine, Denise Najmanovich e o próprio Benjamin como referências para a construção dessa crítica. Não compreendíamos o esforço de Bakhtin para transver as relações epistêmicas desde uma outra arquitetônica: a da escuta.

Recentemente descobri que houve um esforço, por parte da Editora Vozes, de publicar uma contrapalavra poderosa, nos primeiros anos da década de 1990: foi publicada grande parte da obra de Emmanuel Lévinas, e uma das primeiras versões da obra Fundamentos de Filosofia da Linguagem, de Augusto Ponzio. Já havia ali o movimento de leitura de Bakhtin a partir das categorias éticas e estéticas da alteridade, mas algo nos faltava, não fomos capazes de ligar os pontinhos. Assim, prevaleceu a leitura de análises discursivas, bem como de uma certa didatização dos gêneros discursivos como ensino da Língua Portuguesa. Compreendamos bem: os autores e pesquisadores que trouxeram para o português os primeiros textos não podiam prever as práticas decorrentes dessas primeiras leituras. Assim, no decorrer dos anos fui deixando Bakhtin em pausa, e mergulhando em leituras outras, principalmente orientadas para as epistemologias do sul.

Nesse ponto preciso dizer que pesquisa, desde sempre, as relações entre crianças e os conhecimentos, em contextos escolares, com ênfase nos processos de alfabetização, essa compreendida como inserção das crianças nas linguagens complexas, incluindo escrituras e outras linguagens artísticas. Professora dos anos iniciais, em escolas públicas no estado do Rio de Janeiro, indignava-me o fracasso das escolas nessa inserção, e movimentava-me a possibilidade de que todas as crianças, jovens e adultos tivessem as condições de acesso às linguagens complexas. Percebi, ao longo de minha trajetória, que as condições teóricas da compreensão das relações entre seres humanos, suas culturas e as linguagens precisariam ser problematizadas: as ciências humanas promoviam, elas mesmas, o entendimento de que certos seres humanos não possuíam as condições ditas necessárias para o ingresso em práticas escriturísticas. Era preciso lutar contra essa força impeditiva, e foi assim que percorri os anos de minha formação acadêmica, buscando destruir os discursos imobilizadores, que condenavam as classes populares a não ultrapassarem as linguagens cotidianas, essas mesmas consideradas, nessas pretensas teorias, inferiores às linguagens complexas como as linguagens escritas e artísticas - incluindo-se aí, claro, as linguagens das ciências. Contra um predomínio da racionalidade instrumental, presente nas perspectivas analíticas fortemente hegemônicas que contribuíam para essas afirmações, a filosofia da linguagem de Bakhtin, aliada a outras posições teóricas, como as dos estudos pós-coloniais, foi para mim um lugar de luta.

No ano de 2010 uma amiga me telefona para dizer que havia um evento, em São Carlos, que “era a minha cara”, segundo ela. Tratava-se do encontro Rodas de Conversas Bakhtinianas, que teve a organização do Grupo de Pesquisa Gêneros do Discurso - GeGê, coordenado pelo professor Valdemir Miotello, com a presença de Carlos Faraco, Wanderley Geraldi, e Augusto Ponzio, dentre outros. Lançavam, na data, a tradução em português de “Para uma Filosofia do Ato Responsável”, e discutiam Bakhtin a partir de uma abordagem, no meu modo de ver, outra. Posso dizer que tive ali um outro nascimento enquanto pesquisadora, e comecei a ler e estudar um “outro” Bakhtin.

Bakhtin nos diz que um sentido pode ser compreendido apenas com a chegada de um outro sentido, pois o cotejo é a chave de compreensão dos sentidos. Assim foi, para mim, com a chegada da leitura de “Para uma Filosofia do Ato Responsável”. Bakhtin diz:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo (2011, p. 401).

Deveríamos ler essa página 401 do “Estética da Criação Verbal” todos os dias, antes de iniciarmos o trabalho com nossas pesquisas. A luz que eclode - Miotello e seu grupo chegaram ao conceito de triboluminescência - tem seus efeitos de fazer vivos os textos tanto os que já foram lidos antes, quanto os que serão lidos depois. Assim que ao encontrar-me com os fundamentos ético-estéticos do Círculo de Bakhtin todas as leituras anteriores tomaram outras colorações. Durante esses quase vinte anos de estudos e pesquisas, foi possível ler e estudar, praticamente, toda a obra conhecida de Bakhtin e de seu Círculo. Atualmente, cotejamos traduções, observando com entusiasmo como os sentidos se alargam no encontro entre essas compreensões responsivas dos tradutores. Não existe esse tal de “texto original”, “texto puro”, “direto”. Toda leitura é oblíqua, é indireta, é tradução, em respeito ao próprio entendimento do que seja reflexão e refração como qualidades da responsividade que chamamos “leitura”. E não são nem dois processos, mas um mesmo ato de duas faces, como na figura do Jano bifronte, que tanto prezava Bakhtin.

Os fatores que me levaram a ler Bakhtin e seu Círculo foram a minha vida, que é uma única resposta aos enunciados - na academia, na escola, na vida. Enunciados na maioria das vezes desumanizadores, contra os quais nos colocamos, em defesa do “humanismo do outro homem”, como disse Lévinas. Bakhtin e seu Círculo são a filosofia da vida sobre a qual me debruço, permanentemente, buscando alcançar camadas mais profundas de compreensão, em um processo que não terá fim.

José Bentes e Huber Lobato: *De que forma os temas “alteridade e diálogo” devem, a cada dia, ser discutidos no âmbito da pesquisa nas ciências humanas?*

Marisol Mello: Alteridade e diálogo são justamente as duas faces de Jano da arquitetônica bakhtiniana. Não são dois temas, mas duas faces da mesma relação, a dita “revolução bakhtiniana” (Ponzio, 2009). Se observarmos com atenção, a grande maioria das tradições filosóficas assenta-se sobre ontologias, filosofias do ser, e esse ser é o “eu”, o idêntico (da identidade), o mesmo e o próprio. Revolução, portanto, porque Bakhtin cria uma filosofia da linguagem que é uma filosofia da vida, ética e estética. Uma filosofia que explode o “eu”, sujeito individual e centro do universo. A filosofia de Bakhtin não é uma ontologia, mas uma ética, isso precisamos afirmar desde o princípio.

Bakhtin centra suas construções sobre as categorias de alteridade e dialogismo em uma forte crítica à identidade e suas expressões, tanto no mundo da vida - o eu, o meu e o para mim - quanto no mundo da arte - o monolinguismo, a monovocalidade, como empobrecimento do mundo. Isso podemos dizer que é a tônica da filosofia de Bakhtin, de seus textos iniciais até os do final da vida, que encontramos em seus textos “para publicar”, como nos seus apontamentos, trazidos à leitura pelos organizadores das Obras Completas - Serguei Botcharov e Vadim Kojinov. Desde o artigo programático Arte e Responsabilidade, de 1919, a relação de mútua constitutividade entre arte, vida e conhecimento estava colocada. Mas é o conjunto da obra que vai revelar a profundidade dessa resposta revolucionária bakhtiniana à filosofia, às artes e às ciências com que dialogou, como ele mesmo diz, “um só tema em diferentes etapas de seu desenvolvimento da unidade à coletânea sugerida de meus artigos”, unidade essa que, ele diz a seguir, é a de uma “ideia em formação”. Em minha leitura, esses temas são a alteridade e dialogismo, como fundamentos compreensivos do humano na sua filosofia da vida. Isso se refere não só à pesquisa do próprio Bakhtin, mas refere-se a toda a obra dos pensadores do chamado Círculo de Bakhtin - como ele disse em entrevista a Duvákin, um círculo de amigos, em

Nevel e depois em Vitebsk e Leningrado - principalmente Volóchinov, Medvedev e Kagan, mais próximos de nós, brasileiros, graças às traduções.

A sua pergunta diz respeito a esses temas no âmbito das Ciências Humanas. Penso que Bakhtin tinha como uma de suas preocupações a pesquisa. Isso aparece, claro, no texto que diz respeito à Metodologia das Ciências Humanas, mas muito além, a atividade de pesquisa como ato humano está presente em toda a sua obra. Sua própria pesquisa foi pela busca de um lugar de escritura que seja o ponto axiológico onde se cruzam pequeno e grande tempos da experiência humana, um lugar na vida em que essa possa ser compreendida, sem perda de seu caráter de acontecimento permanente, aberto e inconcluso. A pesquisa dos autores que se seguiu em seu trabalho, na busca dessa compreensão, teve como preferência autores de literatura e poesia. Foi olhando para a arte para compreender a vida que Bakhtin construiu sua obra, incluindo os apontamentos que sugerem essa relação na pesquisa científica.

A pesquisa como ato humano, como trabalho, tem no enunciado do autor o grande foco, em Bakhtin. Trabalho do autor seja de um enunciado, seja de uma obra da literatura, a criação simbólica, a criação e compreensão semióticas do mundo - criação verbal e não verbal - é tomada e problematizada enquanto condições do responder humano, em gêneros. Bakhtin critica as teorias linguísticas estruturalistas e formalistas naquilo em que contribuem para a formação de uma perspectiva mortificadora da linguagem, tendo na separação entre locutor e ouvinte e a instrumentalização da linguagem como “meio”, um de seus pilares. Ao contrário, para Bakhtin a resposta humana é tomada em ato, na vida, tendo o enunciado e a compreensão responsiva como o lugar de sua pesquisa. As condições desses processos se configuram na sua problemática de pesquisa, tomando o ato responsável como o ponto de partida da relação originária do humano e da vida. Ato esse que possui uma arquitetônica de três momentos: o eu-para-mim, o eu-para-o-outro, o outro-para-mim. De partida sua compreensão do humano não é uma ontologia, mas uma ética, como já dissemos. Na cadeia discursiva infinita - que envolve tanto cada mínimo ato de fala quanto os mais requintados produtos da cultura artística - o mínimo humano é dois, e

dois que não podem jamais se conjugar em um, sempre alteritários, enunciando responsabilmente em relações dialógicas. Dois que não coincidem, mas se provocam e convocam: pesquisa aqui é compreender como responder e como compreender as condições dialógicas responsivas, buscando a construção de cenários dialógicos críticos, criativos e transformadores. A luta, na afirmação desses princípios, é contra o que tende a sedimentar-se em forças centrípetas, ou seja, os discursos dominantes que desejam fixar, estabilizar os sentidos, monologizando-os, tornando-os fechados, parados, dados de uma vez por todas.

Se o dialogismo é o princípio constitutivo do humano, seus graus dependem, porém, da relação de alteridade presente na cena dialógica. Sejam dois seres humanos, grupos, textos ou perspectivas ideológicas/axiológicas encarnadas em vozes em diversos textos/gêneros, o dialogismo é maior quanto maior for a alteridade das vozes - perspectivas ideológicas - em diálogo. Por isso é impossível haver arte sem alteridade: em enunciados complexos como os artísticos, graus baixos de alteridade impedem a atividade artística. Essa é grande parte da crítica bakhtiniana, que precisamos urgentemente avivar e assumir.

A pesquisa de Bakhtin definiu de partida a escritura literária e poética como o lugar em que se pode compreender indiretamente a vida - ao mesmo tempo na vida e sobre sua tangente. Aqui já compreendemos que a atividade de conhecimento é, desde sempre, ideológica, ética e estética. Tem nas relações dialógicas sua fonte e sua teleologia, e é ao mesmo tempo uma busca na linguagem, principalmente em suas formas complexas de escritura. As categorias de Bakhtin são ético-estéticas, dimensões indissociáveis. Trazem, em seu desenvolvimento e formação uma importante assunção epistemológica: a palavra humana, sempre em resposta, sempre dirigida ao outro numa cadeia infinita de sentidos, é ideológica - ou seja, porta os valores ideológicos dos contextos enunciativos singulares e coletivos - e deve ser proferida em presença do outro, na sua face (ou diante de seu rosto, se quisermos ainda manter Levinas no horizonte. É a um tu que respondemos, nunca a um ele a quem nos referimos. Em toda a sua compreensão da obra de Dostoiévski, a partir da compreensão do

seu dialogismo, e nos seus Apontamentos dos anos 1940, a mortificação do outro se dá sempre que a palavra lhe é dirigida pelas costas, quando se fala de um ser humano, e não a ele. Palavra em ausência ou, na tradução brasileira de 2011, à revelia, trata-se de um aporte que, para as Ciências Humanas, deve se tornar um programa de pesquisa.

Apesar de nas últimas décadas as pesquisas científicas nas áreas das Ciências Sociais e Humanas terem se beneficiado das perspectivas dialógicas e compreensivas, as escrituras de pesquisa muitas vezes ainda configuram-se como lugares monológicos, onde as considerações dos autores e autoras dão-se às costas dos sujeitos de seus diálogos de pesquisa - e a devolução dos dados não salvará ninguém desse monologismo, espécie de diálogo atrasado e apaziguador. É preciso uma pesquisa que se debruce, além do próprio objeto de estudo, sobre as formas de reportar essas relações estudadas, ou seja, sobre a escrita acadêmica e seus gêneros, trabalhando para a alteridade e o diálogo nas formas das escrituras nas Ciências Humanas, bem ao gosto do que pleiteava Blanchot, no início de sua obra *Conversação Infinita*:

A poesia tem uma forma; o romance tem uma forma; a pesquisa, aquela em que está em jogo o desenvolvimento de toda pesquisa, parece ignorar que tem uma forma, ou ainda, coisa bem mais grave, rejeita interrogar-se sobre a forma que herdou da tradição. Nesse caso “pensar” equivale a falar sem saber em que língua se fala, que retórica se utiliza, sem ter a menor ideia do significado que a forma dessa linguagem e dessa retórica põem no lugar daquela cujo “pensamento” pretenderia estabelecer. Acontece de utilizarmos palavras douradas, conceitos formulados em vista de um saber especial, tudo isso é legítimo. Mas o que está em questão na pesquisa emerge prevalentemente no modo da exposição. O modelo é a dissertação escolar ou universitária.

Acredito que alteridade e diálogo, na pesquisa em Ciências Humanas, têm que ver tanto com um projeto de pesquisa sobre as formas das relações entre os sujeitos da pesquisa, quanto sobre as formas das escrituras dessas pesquisas, ou seja, uma pesquisa que tome em conta as dimensões éticas e estéticas da própria pesquisa em Ciências Humanas.

José Bentes e Huber Lobato: *No campo educacional, mais precisamente na sala de aula, como a “alteridade e o diálogo” devem ser utilizados como princípios das relações humanas?*

Marisol Mello: O campo educacional não pode nem deve se restringir à sala de aula. Essa é uma vitória da escola republicana europeia, que a nós chega sob a égide religiosa - estranha mistura!

É uma das faces da problemática mesma da eliminação da alteridade da vida, através de discursos, práticas e atos violentos que submetem a pluralidade à ordem do mesmo, do identitário, do pertencente, do hegemônico, o oficial e suas forças aniquiladoras do mundo. Como disse Marx, “as ideias dominantes são as ideias da classe dominante”, e há séculos pensamos que a educação se reduz à escolarização. A escolarização, enquanto instituição da lógica colonizadora, é ela mesma a força redutora da pluralidade das formas de educar, presentes como contraparte sacrificada, nas relações sociais. O próprio modelo hegemônico de escola, como tempo produtivo e espaço serial, modelando o valor de uma vida humana que se desenvolve do simples para o complexo, é uma fixidez do sentido de escola. Escola é palavra que tem origem etimológica na palavra grega σκηνολέ. No dicionário de etimologia se obtém os significados “discussão, conferência, escola”, mas também “folga, tempo ocioso”.

Ao longo do processo colonizatório, os países europeus procederam a uma sistemática destruição das alternativas ao modelo educacional por eles valorizado, o seu modelo. A todo genocídio, segue-se ou antecipa-se um epistemicídio, e vivemos hoje nessa vastidão monológica da imagem e modelo de escola como lugar comum - lugar do qual não se fala, mas sem o que não se fala. Há ainda, como alteridade sacrificada, onde haja uma escola buscando ser o modelo de toda educação, de toda formação, de toda transmissão cultural e de todo processamento do conhecimento, escolas outras.

Nesse modelo vitorioso (às custas dos milhões de seres humanos sacrificados), a alteridade e o dialogismo são quimeras. No sentido mítico, como a Quimera grotesca, fruto da hibridização de seres que habitam o bestiário ocidental, e no sentido usual, como uma fantasia desejada e utópica. No primeiro sentido, porque cotidianamente a alteridade força, no corpo dos seres humanos assujeitados ao modelo único da educação ocidental, a pacífica e bem argumentada forma da identidade educacional escolar. Como a Quimera, aqueles que adentram as escolas de modo compulsório, sendo submetidos às formas homologadoras da linguagem, do conhecimento e da moral dominantes, resistem, reagem, forçam as palavras outras, ou contrapalavras. Deles quase não temos notícia, porque nossas ciências humanas preferem notabilizar as formas de sua sujeição. Elas têm nomes como alfabetismo, sucesso escolar, adaptação escolar, dentre outras. Como uma quimera, inúmeras teorias são produzidas desde sempre, amorosamente, por aqueles que escutam os seres humanos concretos e que compreendem que a pluralidade sacrificada pode salvar o mundo, como queria o príncipe Mitchkin, de Dostoiévski.

A alteridade não é uma opção. Para Bakhtin, é o princípio constituidor da humanidade, como já dissemos. É sempre “pelo menos dois”, na vida, no conhecimento, na arte. Quando estamos diante do homologado, do idêntico, daquilo que prevalece o mesmo à força, por gerações, estamos diante da alteridade presente, necessariamente, mas como contraparte sacrificada. É por isso que a violência pós-colonial se realiza e se atualiza nas instituições homologadoras da ordem dominante, e isso significa dizer que a escola é a grande mão nesse processo. Processo que se faz na linguagem, presente nas ordenanças curriculares, disciplinares, na arquitetura, nas normas éticas e estéticas, nas relações interpessoais, no próprio discurso sobre a escola como redentora das mazelas sociais, e principalmente no impacto que tem, singularmente, na vida dos seres humanos que compulsoriamente a frequentam toda a sua infância e juventude.

Mas a boa notícia é que o dialogismo não é opcional. Se focarmos nossas atenções às formas de reexistência dessas pessoas - que não são tolas, como

disse Certeau - veremos que a força utilizada para dominar é proporcional à contra-força que se lhes impõe. Todos os dias as forças de contrapalavra se gestam, nos mínimos atos, que nem por serem pequenos deixam de ser ideológicos, como bem disse Volóchinov. Não existe o “pequeno”, nem na cultura, nem na linguagem. O menino que rouba o tempo produtivo da escolarização lendo embaixo da mesa é tão contrapalavra quanto Thoreau, em graus diferentes, mas igualmente relevantes.

Imagino, aqui, que precisamos de uma ênfase, de uma escolha que é ética e política. Como pesquisadores em Ciências Humanas, como formadores de professoras e professores, como bakhtinianos, precisamos afirmar nossa preferência em pesquisas que relevem a força das contrapalavras já presentes e sacrificadas, nas práticas educacionais contemporâneas. Como pesquisadores que somos, portanto, agentes políticos transformadores, precisamos nos colocar a serviço da crítica, e essa, se seguirmos os passos do círculo de Bakhtin, aponta para os lugares das contrapalavras, para o não-oficial, para a pluralidade, para Babel. Compreender e afirmar a pluralidade constitutiva da vida é palavra política, ética e estética, radicalmente comprometida com o combate de todas as formas de homologação da palavra dominante, radicalmente comprometida com a promoção de toda a alteridade já presente na vida.

José Bentes e Huber Lobato: *Retomando os fatos provocados pela situação política atual, você acha que se acirraram os conflitos de alteridades nas discussões sobre classes, gêneros, raças e outros setores?*

Marisol Mello: Bakhtin disse com força, principalmente nos seus escritos sobre a obra de Rabelais, que são Formas do Tempo e do Cronotopo no Romance (1937-1938) e a própria obra Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais (anos 1940), que os índices de luta ideológica aparecem mais nitidamente em épocas de crise. Vivemos uma época de crise, e seus efeitos ainda se fazem sentir não como a revolução, que Bakhtin aponta, no final da Idade Média e início do Renascimento, com o florescer da cultura popular da praça pública, seu carnaval, sua festa e suas forças revolucionárias,

mas como um triste momento de retorno de vontades nacionalistas, fascistas, chauvinistas de existência. Parece que o que chamamos de crise já é seu refluxo: o retorno de tudo que cheira mal na história, como a demonização do outro, como a eliminação da pluralidade, como o exagero das elites que perdem a vergonha de proclamar suas formas predatórias de ser como “normais”, e principalmente como o desprezo às formas humanas solidárias de existências, essas sempre hauridas de bondade, de desejo da alteridade, e do diálogo com o outro, o Outrem de quem nos dizia Levinas.

A situação é tamanha que parece não haver léxico para a crítica: o que se diz abertamente nas instâncias oficiais e nas mass-media digitais é impublicável. Trata-se do pensamento sem fronteiras, sem limites do outro, sem regulação nem medo. Um pensamento que se expressa sem medo do contraponto, para além das convenções éticas e morais, um pensamento que pode ser racista, machista, fascista, xenofóbico, homofóbico, contra as liberdades, contra os direitos humanos fundamentais, sem temer as consequências jurídicas disso. Nos assusta, porque talvez já não haja instâncias jurídicas que façam valer os direitos conquistados arduamente, mas que ao contrário, defendem as hordas dominantes estranhamente orgulhosas de sua ignorância. Não a salutar ignorância constitutiva do processo de conhecer, o ignoto ou o desconhecido, mas a total irracionalidade do extermínio de toda a sorte de alteridade - o diferente de si mesmo.

Modelo, portanto, hiperestesiado do enimesmamento de uma categoria social específica, o burguês pouco culto, mas enriquecido pelas formas capitalistas de produção econômicas, que irritado com o avanço dos direitos sociais das populações empobrecidas pelas relações capitalistas, sente nesse avanço uma expropriação de seus próprios “direitos” de ter mais. O assustador, para todos nós que nos vimos na rasteira da história, é ver e ouvir os argumentos de que se valem essas categorias sociais que ocupam os lugares do Estado. Diríamos inumanos, mas se humanos os proclamam, precisamos alargar nosso conceito de humanidade para abarcá-los: seres humanos que de modo mesquinho proferem palavras de ódio e de incitação ao extermínio das

populações empobrecidas. Não se trata nem do “medo do outro”, mas do seu desprezo tão agigantado que são capazes de assinalar seres humanos como passíveis de serem mortos, sem processos nem justificativas, apenas por serem parte de uma categoria considerada “matável”.

Não se trata, aqui, ainda que escutemos a ensurdecadora falação das “redes” sociais, de alteridade nem de dialogismo. Trata-se, antes, de uma distorção, que o professor Augusto Ponzio chama de “liberdade de palavra”, ou seja, liberdade para que os sujeitos falem o que bem quiserem. Ele contrapõe a essa liberdade sem o outro, monológica e super-egóica, a liberdade da palavra, liberdade que a palavra tem sempre que ter e que devemos lutar para preservar. No primeiro caso, por falta absoluta do rosto do outro que, como dizia Lévinas, regula os limites da nossa responsabilidade, na medida em que nos compromete dialogicamente com a existência do outro. É o que, para nós que estudamos há anos “Para uma filosofia do ato responsável”, Bakhtin se refere como responsabilidade sem alibi pela existência. Para Bakhtin, o sentido da ética que defende busca responder à pergunta kantiana “por que devo fazer o que devo fazer?” de modo diferente à sua resposta: “porque devo”. Para Bakhtin, devo fazer o que devo fazer porque só eu, do meu lugar único e singular, irrepetível, na existência, posso fazer. Essa responsabilidade sem alibis tem como fundamento o amor pelo outro, o reconhecimento de que só o outro me concede existência, de que só porque o outro fala comigo, eu existo.

A liberdade da palavra, nesse sentido bakhtiniano, é a liberdade que a palavra tem e precisa ter de ser plural, de ser elo na cadeia dialógica que nos une a todos no grande tempo, que nos confere humanidade, em suma. É alteritária e dialógica por excelência. É justamente a ausência dessa liberdade que a “liberdade de palavra” subtrai. Não se pode dizer, apenas. A palavra humana é sempre responsável e responsiva. Liberta dos liames do outro, a palavra expressa irresponsavelmente, diz o que quer dizer sem os limites éticos que a arquitetura eu-outro impõe. Essa não é sua limitação, mas ao contrário, a condição de possibilidade da própria liberdade: a abertura ao infinito, a participação no grande tempo da humanidade, a presença na cadeia infinita dos

interpretantes, a possibilidade, específica da espécie humana, de criar mundos outros possíveis, além dos que já encontramos ao nascer. Ao contrário dos animais, cuja vida é determinada pelas condições de sua espécie, nós humanos temos a capacidade de criar, fantasiar, inventar mundos outros. É pura e simplesmente pela capacidade alteritária e plural, babélica, de existência, que isso se faz possível. O fascismo é, e sempre foi, a redução dessa infinitude ao bel prazer dos poucos que desejam homologar suas formas privadas e particulares de ser como formas gerais e universais.

Portanto, penso que não se acirraram os conflitos de alteridades nas discussões sobre classes, gêneros, raças e outros setores, mas ao contrário, se reduziram esses conflitos, impondo uma palavra única, homologada, com pretensões de verdade única e universal, moralizada e moralizadora, que nada mais é do que a posição pequena e particular da pequena burguesia, tentando silenciar a pluralidade emergente e em expansão, no mundo. No caso do Brasil, trata-se de um discurso anterior àquele de conscientizar-se da existência de classes, raças e gêneros, mas da imposição *tout court* da lógica pequeno burguesa branca, homofóbica, desejosa de relações escravistas, preguiçosa, sem erudição, que chamávamos, em outro contexto, mazombos: invejosos da corte portuguesa, pequenos senhores de escravos, afiliados identitariamente a instituições fechadas em doutrinas mal interpretadas de textos clássicos, com gurus duvidosos e fracassados, mas que enriqueceram devido principalmente ao comércio e suas ramificações. Ou que têm esse modelo como desejo. Não se pode subestimá-los, são fortes em sua capacidade de alistamento e têm a seu lado as formas dominantes de comunicação. Mas não se trata de conflitos de alteridade, ao contrário, são a expressão viva da eliminação de todas as formas de ser, conhecer, sentir e viver diferentes das suas próprias.

José Bentes e Huber Lobato: *De que forma os debates sobre o tema da alteridade e do diálogo podem ajudar para a compreensão da situação política atual em nosso país?*

Marisol Mello: Não se pode compreender a situação política nacional e internacional sem o recurso aos estudos da linguagem. Mais do que nunca, a

Filosofia da Linguagem de base bakhtiniana pode ser um lugar de luta. Mas para isso precisamos ajustar o foco, compreender as forças em luta. Bakhtin, seu círculo e Lévinas, Augusto Ponzio e outros, como Derrida e Barthes, artistas como Artaud, Pasolini, dentre tantos, tinham visão, traziam e trazem em seus enunciados esse olhar que vai além do momento contemporâneo, do pequeno tempo das suas vidas. Bakhtin vai à literatura para encontrar as forças humanas revolucionárias, capazes de vencer a tentativa de homologação da verdade única. Encontrou na polifonia dostoiévskiana e no riso rabelaisiano as forças centrífugas capazes de destronar e detonar com os monologismos e as vontades de verdade únicas e oficiais. Lévinas buscou na luta contra o Mesmo e suas formas a força para a abertura alteritária ao infinito, única forma humana por excelência, na acolhida hospitaleira de Outrem, o que nos liberta da inexorabilidade do já-dado. A nós cabe pisar nas pegadas desses grandes, para alavancar críticas e possibilidades outras.

Bakhtin escreveu em um tempo de sombras. Sua vida fertilizou-se dos anos de revolução russa, mas teve em sua maioria a solidão do exílio e a falta de perspectiva de uma outra aurora. Escreveu, porém, e digo sempre, para nós. Escreveu para o ser humano no grande tempo. Por isso sua palavra nos alcança com a vitalidade do contemporâneo e com a densidade do histórico. Precisamos ler Bakhtin, discutir Bakhtin, articular Bakhtin às nossas lutas. É sobre poesia e riso, sua fala militante. É sobre alteridade, sobre amor, sobre não-indiferença, sua fala filosófica. É sobre a possibilidade da arte como consciência e transformação do mundo, sua fala artística. Eu e tantos outros nos colocamos à sua escuta.

Como dizia a nós, há mais de quinhentos anos, Rabelais, enaltecido em seu vínculo criativo com os poderes do popular, do antiquíssimo, do humano que não perece mesmo em tempos de horror: também isso, esse momento, esse pequeno tempo, passará. A festa de renovação dos sentidos está a se gestar, no lugar alteritário que essas forças fascistas em vão querem suprimir. É pôr-se à escuta, companheiros, e compor os versos que serão cantados no dia da festa iminente.

Agradeço aos organizadores a possibilidade da composição dessa minha palavra, plena de alteridade e carregada já da festa que trago no coração, aprendida na leitura de Bakhtin e seu Círculo.